

João Garcia Miguel *Campânula*

25 jul — 21 set

curadoria **Jorge Reis**

Na contemporaneidade nós não somos diferentes daquilo que éramos anteriormente perante o que nos é ignoto. A forma como nos organizamos e pensamos em sociedade, as inovações e avanços que fazemos em todas as áreas, pode-se dizer, são parte da nossa incessante procura do desconhecido. Esta necessidade provocou em nós alterações geográficas, e de alteração de percepção, internas e externas. Todavia, esta condição não consegue explicar porque um vaso campaniforme pode existir em geografias tão distantes, pensado por culturas diferentes, sem qualquer tipo de ligação entre si, num tempo muito anterior ao da globalização, com origem na época primitiva, com a mesma forma e fim, o que nos leva a pensar que existe algo maior que nos liga, uma força que nos une e leva a sentir e a responder ao que vemos e ouvimos de formas semelhantes. Esta curiosidade, de uma espécie de pensamento conectado universalmente, de uma espécie de ligação entre povos através do inexplicável, leva a que João Garcia Miguel procure, com esta exposição, não uma resposta, mas antes, um diálogo sobre este facto.

Em “Campânula” o artista parte dos vestígios cerâmicos campaniformes encontrados no Castro de Zambujal, um povoado fortificado do Calcolítico (3000-2000 a. C.), a 3 km de Torres Vedras, para, na ideia de viagem e de transferência cultural, levantar algumas hipóteses. Segundo Garcia, a viagem tem como base a ideia de mudança que o tempo influencia na sua percepção. “É o viajante que leva aos lugares o seu desejo de vazio, capaz de ser preenchido com os lugares fixos da linguagem, das vivências, da paisagem.” (GARCIA MIGUEL, João). A campânula, o objeto, surge assim como símbolo do espaço de interconexão ancestral entre os povos na sua dimensão etérea no espaço cinzento do conhecimento humano. Talvez esta interconexão ancestral, em hipótese, tenha que ver como é vista a Natureza das coisas. “Na Natureza, as coisas não são vistas de forma isolada, porque tudo está conectado a qualquer coisa que existiu antes dela, que está

à sua volta, debaixo dela e por cima dela.” (WOLFGANG GOETHE, Johann). É, portanto, difícil de se concluir que espaço é esse, porque a interconexão a que se refere o artista nas obras que apresenta, não está na dimensão humana, mas sim na Natureza.

No corpo de trabalho e pesquisa que o artista produziu para esta exposição, houve intenção de “voltar à matéria primordial” (GARCIA MIGUEL, João), para propôr que, a partir dela, sejamos capazes de consubstanciar no pensamento crítico e na interação humana, a procura de novos caminhos e ideias que possam (re)edificar o espaço da linguagem etérea como intersubjetificação de culturas no espaço comum da conexão ancestral. Para que com isto se possa criar novas narrativas através da reinterpretação de traços da história comum. O artista ainda afirma que em “Campânula” pretende que seja “criado um espaço de vivência de um sentimento instintivo de liberdade.”.

Partindo de artefactos humanos, animais e naturais que Garcia recolhe nas suas viagens a pé em lugares de pessoas e sítios que ao mesmo tempo lhe são familiares como vazios de qualquer experiência anterior. Nesta perspetiva de transeunte o artista recolhe e fixa memórias dessas viagens através dos objetos encontrados, os quais se encontram na sala 2 da Casa Azul. Nesta sala é mostrada uma ínfima parte numa lógica de gabinete de curiosidades. Estes artefactos que são apresentados fazem parte da memorabilia do artista, na qual ele recorre para desconstruir e construir novas reflexões, mantendo intacta a origem e a razão de coligir.

Esta exposição de João Garcia Miguel domina o espaço para proporcionar a todos os visitantes uma viagem pela sua obra. Desde o rés do chão até ao segundo piso, é possível ver um totem de mais de 11 metros, invocando o sentido ritualístico no movimento circulante em torno do totem ao subir as escadas. A primeira imagem é um auto

produzido por
produced by

EMERGE

EMERGE é uma estrutura financiada por
EMERGE is supported by



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES



Torres Vedras
Câmara Municipal

apoio à comunicação
communication support

ANTENA 2

impressão
print

A3

apoio jurídico
legal support

PLMJ

João Garcia Miguel *Campânula*

25 jul — 21 set

curadoria **Jorge Reis**

retrato do artista feito a esferográfica azul sobre papeis e fita cola de pintor numa composição de planos com folhas de papel. Ao longo da subida é possível ver-se algumas formas pictóricas dispostas de forma como estivessem a flutuar reportando para a ideia de um fundo de mar e ao mesmo tempo algo perdido no espaço e em correlação com o mesmo. Ao mesmo tempo ouve-se um poema interpretado por João, a partir da Ode Marítima de Fernando Pessoa. No percurso de subida ainda se veem-se três imagens de fundo verde que fazem uma alusão iconográfica aos animais touro e pássaro. No topo uma pintura imponente com uma figura humana disforme. Na sala 1 da Casa Azul, João Garcia Miguel apresenta pinturas e desenhos em tela e desenhos sobre papel e uma vitrina com artefactos. Todos estes elementos fazem uma assumida assunção ao etéreo, ao intangível e à interconexão inexplicável. As obras foram criadas a partir de elementos naturais, com referências poéticas e ancestrais.



partilhe esta exposição
com amigos

Ficha técnica

Organização

EMERGE

Artista

João Garcia Miguel

Direção artística, curadoria, direção de produção, design cultural

Jorge Reis

Gestão de projeto cultural

Daniela Ambrósio

Montagem

Gonçalo Lobato, Henrique Neves, Jorge Reis e Vanessa Franco

Fotografia, vídeo, comunicação, marketing cultural

Sérgio Roxo

Mediação de públicos

Jorge Reis e Daniela Ambrósio

produzido por
produced by

EMERGE

EMERGE é uma estrutura financiada por
EMERGE is supported by



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES



Torres Vedras
Câmara Municipal

apoio à comunicação
communication support

ANTENA 2

impressão
print

A3

apoio jurídico
legal support

PLMJ